

Brizola, desconhecido para o PSDI

AMAURI MELLO
Correspondente

ROMA — Além de não conhecerem Leonel Brizola, dirigentes do Partido Social-Democrático Italiano (PSDI) — um milhão de votos nas últimas eleições européias — se empenham em manter uma nítida linha divisória em relação aos integrantes do Partido Socialista Italiano (PSI) de Bettino Craxi, que manifesta solidariedade ao candidato do PDT.

— Santas palavras, hoje: social-democracia. Muito usadas, diversos proprietários mas poucos verdadeiros sociais-democratas — comenta Antonio Cariglia, Secretário Geral do PSDI, sobre o congresso da Internacional Socialista realizado esta semana em Estocolmo.

Brizola foi muito aplaudido no encontro, reconhece Gianni Finochiaro, responsável pelas relações internacionais do PSDI, que há pelo menos 20 anos briga pela formação de “uma área de esquerda que não seja arrivista como propõe o PSI dirigido por Craxi”.

Cariglia não esteve com Brizola em Estocolmo:

— Nossas relações com os companheiros sul-americanos estão centradas numa história de luta real, de fidelidade ao princípio socialista. Não temos contatos com o Brasil

porque ali a situação sempre esteve muito confusa. Hoje tem um partido, amanhã outro, nenhuma fidelidade ideológica.

Recém-chegado de Estocolmo, Finochiaro ressalta que “é preciso defender sempre um ideal socialista, não este arrivismo difundido pelos socialistas italianos (do PSI)”. Ele comenta a estratégia de Craxi, o avilista de Brizola.

— O socialismo de Craxi é o do resultado imediato, a supressão de todas as forças divergentes. E o chegar por chegar. Isso consideramos muito ruim porque essa conquista imediatista pode derrotar o ideal socialista. Não podemos aceitar que o PSI adote métodos que significam assumir o poder e fazer desaparecer todos os outros representantes de esquerda. Esse é o ponto, o poder pelo poder. Isso não funciona.

Dado como morto antes das eleições européias, após resistir à “perseguição sistemática de Craxi” e rejeitar a fusão com o PSI, o PSDI obteve um milhão de votos.

— Bettino Craxi e o PSI estiveram dois anos à frente do Conselho de Ministros e montaram uma máquina no Estado, que garante recursos quase infinitos, num jogo que fica muito distante dos verdadeiros ideais socialistas. O modelo pregado pelo PSI é centralista e apresenta como proposta o poder e somente o poder — explica Finochiaro.